

Da escrita cuneiforme à escrita latina

Foi na Suméria, no Sul da Mesopotâmia, que pela primeira vez apareceram signos que podemos chamar de escrita. De facto, cerca de 3300 a. C. (as datas variam de autor para autor) surgem os primeiros frustes pictogramas sumérios, em Uruk (no nível IV que as escavações puseram a descoberto). Esses pictogramas iniciais deram origem à escrita cuneiforme usada na Mesopotâmia e nas regiões vizinhas. Durante o período sumério de Djemdet Nasr (c. 3200 a 3000 a. C.), em que o número de signos vai aumentando, foram estabelecidos contactos comerciais e culturais com o distante Egipto, deixando lá marcas da presença mesopotâmica. Desses contactos terão resultado as primeiras tentativas de elaboração de uma escrita própria no país do Nilo, a escrita hieroglífica, embora vários autores defendam que a criação desta nova escrita se deve a uma iniciativa autónoma.

A língua suméria, de tipo aglutinante, não tem relações com nenhuma outra língua conhecida, e os verbos não têm declinações nem conjugações, e na sua escrita nota-se a ausência de vários sinais capazes de reproduzir sons próprios das línguas semitas, como o acádio que vem a seguir, nomeadamente os sons faringais. Os pictogramas representavam as coisas concretas da vivência de um povo de agricultores e de comerciantes, surgindo dificuldades quando foi necessário registar coisas abstractas e conceitos. A solução foi o aproveitamento das semelhanças prosódicas entre palavras, para que um signo referente a um nome concreto fosse utilizado para um nome abstracto. Por outro lado, para aumentar a funcionalidade do sistema, foram alargados os significados dos signos já existentes: é o caso, por exemplo, do signo representando um arado, o qual valia para o instrumento agrícola propriamente dito mas também para «arrar» e «agricultor».

Com o tempo, e com a prática, os iniciais signos pictográficos foram sendo cada vez mais estilizados, em resultado da própria acção de escre-

ver sobre tabuinhas de barro, que eram pequenas e de forma quadrada, redigindo-se então de cima para baixo. Depois começaram a ser usadas tabuinhas maiores e rectangulares, previamente preparadas pelo seu utilizador, o que forçou os escribas a mudar a posição da mão esquerda, com que seguravam a tabuinha enquanto escreviam. Como resultado, os signos sofreram uma rotação de 90 graus no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio, perdendo assim as suas qualidades iconográficas.

Em meados do II milénio as tabuinhas eram escritas e lidas da esquerda para a direita em linhas horizontais. A estilização e a normalização da escrita cuneiforme tornaram a cunha no elemento básico da construção dos signos. Quando esta escrita ficou completamente definida, a orientação das cunhas foi restringida, e apenas cinco tipos eram utilizados para a composição de signos mais complexos. Gradualmente, o valor do som dos signos foi ganhando importância, enquanto os significados passavam para segundo plano. No entanto, esta solução introduziu uma ambiguidade considerável no sistema, já que muitos signos se tornaram polivalentes, com significados diferentes e vários valores fonéticos.

Os problemas da homofonia, que se mantiveram no sistema cuneiforme sumero-acádio, geraram uma séria dificuldade suplementar, pois signos diferentes podiam ter o mesmo som. Para remediar esta situação foi introduzido um outro tipo de signo, que, tal como nos hieróglifos egípcios, se designa por «determinativo», o qual não se lê mas presta uma valiosa ajuda na interpretação das palavras, sobretudo para desfazer as ambiguidades resultantes da homonímia, que aliás era muito frequente em sumério. A grande diferença é que na escrita hieroglífica egípcia o signo determinativo vai sempre no final enquanto no sistema cuneiforme sumério-acádio vai geralmente no princípio.

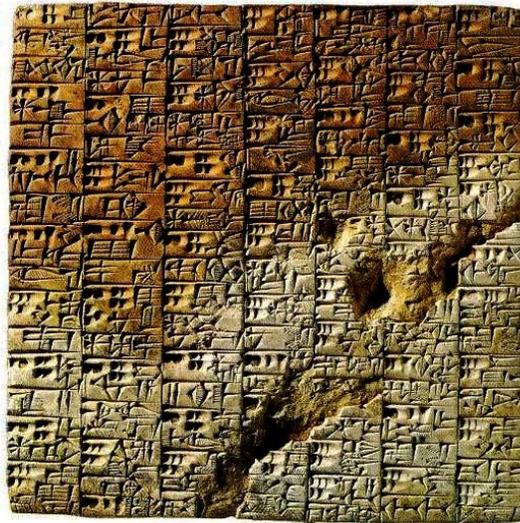
A rotação de signos: dos iniciais pictogramas aos signos cuneiformes. ↵

	Pictogramas			Sumério clássico c. 2400 a. C.		Acádio antigo c. 2200 a. C.	Assírio antigo c. 1900 a. C.	Babilónio antigo c. 1700 a. C.	Neo-assírio c. 700 a. C.	Neo- babilónio c. 600 a. C.
	Uruk Ao alto	c. 3100 a.C. a 90°	Djemdet Nasr c. 2800 a. C	Linear	Cuneiforme					
Cabeça com pescoço (significado: cabeça, frente)										
Cabeça com pescoço com dentes indicados (significado: boca, nariz, voz, falar, palavra)										
Corpo humano estilizado (significado: homem)										
Ave sentada (significado: ave, pássaro)										
Cabeça de boi (significado: boi, touro)										
Estrela (significado: céu, deus celestial, deus)										
Água corrente (significado: água, semente, pai, filho)										

*Tabuinha de argila de Churupak com texto cuneiforme (meados do III milênio a. C.).
As escritas semitas do Médio Oriente e a sua difusão (as ligações a ponteados indicam possíveis relações insuficientemente documentadas)*

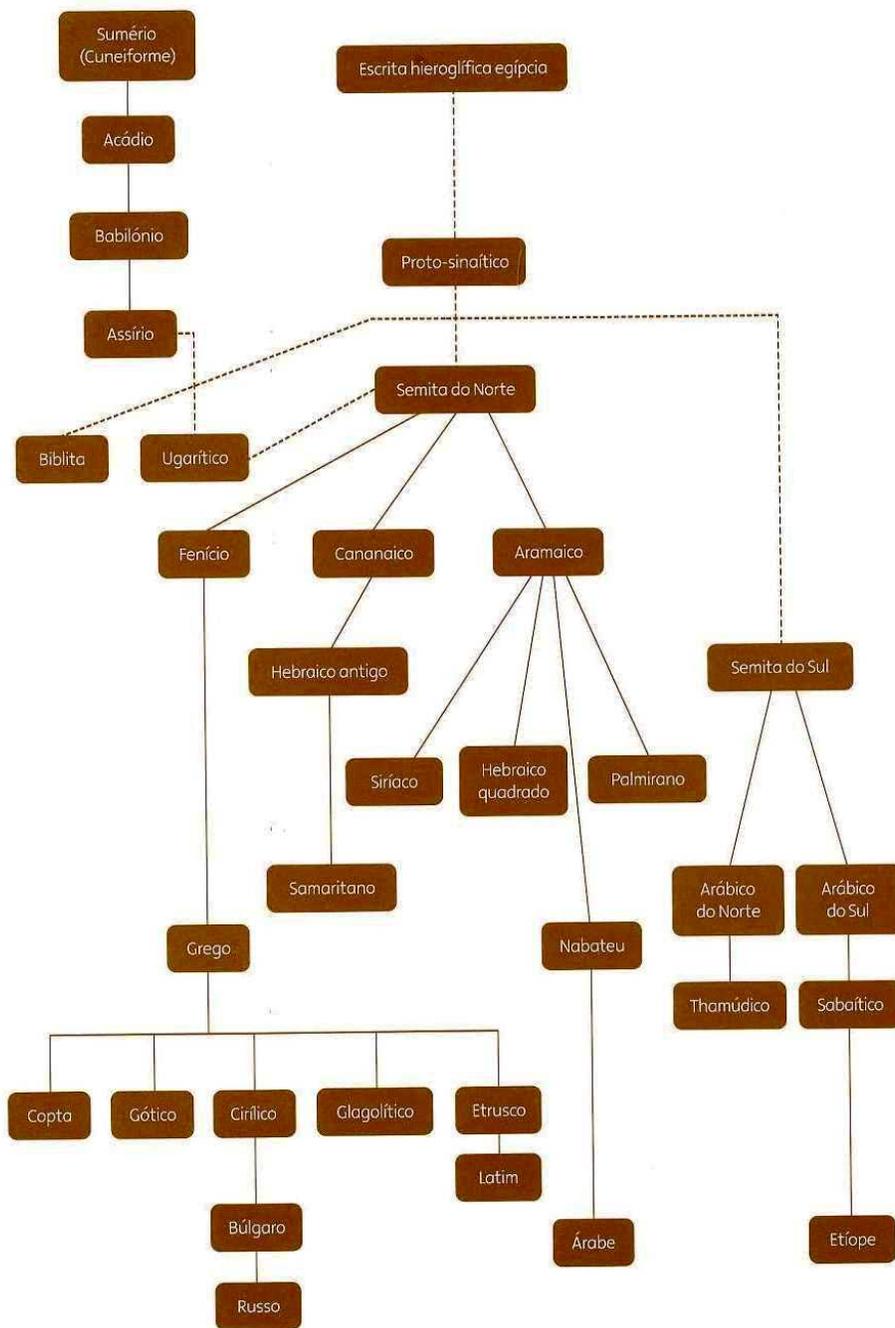
No sistema hieroglífico egípcio existiam dois tipos de determinativos: os fonéticos e os ideográficos. No caso da escrita hieroglífica usada no país do Nilo será preferível chamar ideograma ao signo que regista a ideia do objecto, que é facilmente reconhecível no texto, enquanto para o cuneiforme sumero-acádio é preferível usar o termo logograma, que representa directamente o nome do objecto. De facto, no sistema cuneiforme que foi evoluindo a partir dos iniciais signos sumérios o desenho dos signos transformou-se de tal maneira que neles não é possível ver a imagem exacta do objecto enunciado como acontecia nos pictogramas sumérios.

Cerca de 3200 a. C. redigem-se os primeiros signos da escrita hieroglífica egípcia, a qual iria ser usada ao longo de três mil anos, com cerca de dois mil signos, que com o tempo irão aumentando. Há quem julgue que o aparecimento da escrita hieroglífica no país do Nilo resulte de uma inspiração a partir dos pictogramas sumérios, se bem que as diferenças entre o desenho dos signos sejam notórias. Os próprios utilizadores do sistema hieroglífico acabaram por concluir que a grafia dos signos era por vezes morosa para uma eficaz produção de textos, e por isso criaram outra escrita, e assim, cerca de 2800 a. C., surgiu no Egito a escrita hierática, forma mais prática e cursiva da escrita hieroglífica, reduzindo o número de signos e usando muitas ligações. O cuneiforme acádio permaneceu estável durante dois milénios, mas as tentativas de usar este tipo de escrita para outras línguas levaram



a mudanças por vezes radicais e a várias simplificações. As regiões vizinhas da Mesopotâmia foram sendo gradualmente influenciadas devido aos intensos contactos comerciais e culturais, e cerca de 2500 a. C. aparecem os primeiros textos na escrita cuneiforme elamita, usada no reino do Elam, a leste da Mesopotâmia, por influência suméria. Os anteriores signos sumérios foram então reduzidos para cem pelos escribas elamitas, que também procuraram evitar os muitos casos de polifonia que herdaram da vizinha Suméria. De resto, os letrados acádios seguirão esse procedimento, reduzindo os signos sumérios para oitocentos.

A escrita cuneiforme alcançou zonas mais afastadas, e cerca de 1500 a. C. surgem os signos da escrita cuneiforme cipriota, usada em Chipre, ainda por decifrar. Começa a utilizar-se, por essa altura, a escrita cuneiforme hurrítica, no Império do Mitanni, no Alto Eufrates, da qual pouco se sabe, o mesmo fazendo os Hititas, cujo centro de poder ficava na Anatólia, e que, por influência dos comerciantes assírios estabelecidos em Kanech, no Leste anatólico, adoptaram o sistema cuneiforme. Os Mitânios e os Hititas, valorosos combatentes e exímios utilizadores do carro de guerra puxado por dois cavalos, eram de origem indo-europeia, vendo-se obrigados a fazer algumas adaptações no sistema oriundo da Mesopotâmia (que até então grafara o sumério, língua de origem desconhecida, e o acádio, de origem semita) para redigir as suas línguas.

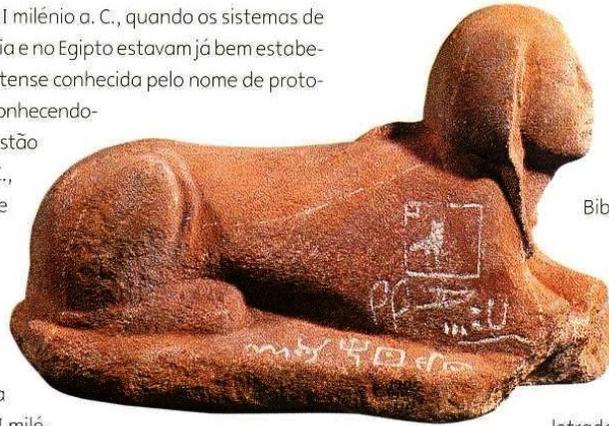


*Esfinge do Sinai**Tábua comparativa dos signos usados na Síria- Palestina.*

Note-se que desde finais do III milénio a. C., quando os sistemas de escrita usados na Mesopotâmia e no Egipto estavam já bem estabelecidos, foi usada a escrita cretense conhecida pelo nome de proto-linear, com forma hieroglífica, conhecendo-se noventa signos, que ainda estão por decifrar. Cerca de 1700 a. C., a escrita hieroglífica cretense evoluiu para a escrita linear A, usada entre 1700 e 1450 a. C., que ainda não foi decifrada, sendo os documentos redigidos nesta obscura escrita oriundos do centro e do leste da ilha de Creta. Em meados do II milénio a escrita cretense em linear A evoluiu para a escrita linear B, que se manteve em uso na região de Cnossos até cerca de 1200 a. C., e que está já decifrada, graças aos esforços de Michael Ventris e John Chadwick (1953).

Talvez por influência do Egipto, surgiu cerca de 1400 a. C. a escrita hieroglífica hitita, na Anatólia, e que continuou a ser usada nos reinos neo-hititas da Síria do Norte, sobretudo para grafar o luvita, uma língua de origem indo-europeia.

Os letrados cananeus utilizaram regularmente desde o III milénio a. C. a escrita cuneiforme suméria e acádia, e desde cedo começaram a ensaiar tentativas para criar o seu próprio sistema de escrita, o que poderá ter ocorrido em inícios do II milénio a. C. Olhando para a geografia da região vê-se facilmente que eles tinham duas propostas de solução, ou o cuneiforme mesopotâmico ou o hieroglífico egípcio, qualquer deles usando centenas de signos e utilizando suportes de escrita diferentes, respectivamente a tabuinha de argila, onde se



grafava com o cálamo ou o estilete, e o papiro, sobre o qual se fazia deslizar o pincel.

Conhecem-se algumas tentativas feitas em cidades cananaicas para a criação de um sistema alfabético, como é o caso de Biblos (com o biblita), mas ficaram-se apenas por uns frustes esboços sem aparente utilidade prática. Um dos vestígios mais antigos daquela que viria a ser uma escrita alfabética plena (embora ainda sem as vogais, que seriam acrescentadas mais tarde por

letrados gregos) parecem ser as inscrições redigidas por operários semitas que nas minas de Serabit el-Khadim, no Sudoeste da península do Sinai, estavam ao serviço das autoridades egípcias naquela região.

Alguns desses signos, conhecidos como proto-sinaiticos, aparecem no sistema cananaico, do qual se conhecem cerca de dez letras (deviam ser certamente mais, mas perderam-se).

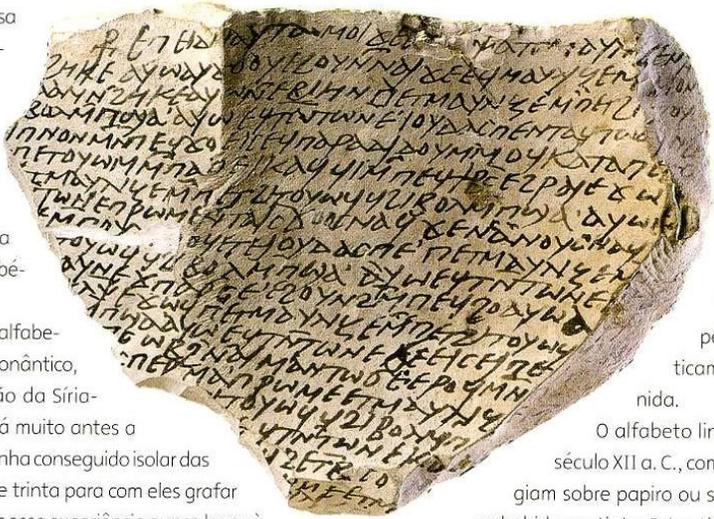
O mais célebre objecto com uma inscrição proto-sinaitica é uma pequena estatueta de pedra em forma de esfinge, encontrada em Serabit el-Khadim por Sir Flinders Petrie em 1905 e depois estudada por Sir Alan Gardiner. A estatueta tinha duas inscrições, uma em escrita hieroglífica e outra com signos até então desconhecidos. A versão egípcia era a declaração de alguém que se dizia «amado de Hathor, senhora das turquesas». Hathor era venerada na região, onde eram exploradas minas de turquesas, muito apreciadas no antigo Egipto como elemento de joalheria. No curto texto proto-sinaitico, Sir Alan Gardiner reconheceu o nome semita de «Baalat», isto é, «a senhora», na

	Proto-Sinaítico	Ugarítico (séc. XIV a. C.)	Cananeu (séc. XIII a. C.)	Fenício (séc. XIII-XI a. C.)	Fenício (Ahiaram)	Fenício (séc. X a. C.)
o						
B						
G						
D						
H						
W						
Z						
H						
T						
Y						
K						
L						
M						
N						
S						
c						
P						
S						
Q						
R						
š						
T						

circunstância aludindo à deusa Hathor, mas também evocando o nome de Baal (senhor), uma das divindades mais veneradas na Síria-Palestina, terra natal das primeiras e revolucionárias experiências para a criação de um sistema alfabético.

A criação de um verdadeiro alfabeto, se bem que apenas consonântico, ocorreu de facto na região da Síria-Palestina. É verdade que já muito antes a escrita hieroglífica egípcia tinha conseguido isolar das centenas de signos cerca de trinta para com eles grafar outros tantos fonemas, mas essa experiência nunca levou à formação de um alfabeto. Ora entre 1800 e 1500 a. C., em circunstâncias ainda não de todo conhecidas, foram surgindo tentativas para a criação de um sistema alfabético, e neste contexto Canaã aparece como espaço de criação e de irradiação da escrita alfabética de base consonântica.

Os letrados da cidade portuária de Ugarit, situada na costa mediterrânica da Síria do Norte, conseguiram ultrapassar a fase do sistema mesopotâmico, baseado na sílaba, e elaboraram um sistema alfabético prático, fazendo corresponder a uma «letra» (formada por um signo cuneiforme simples ou por vários signos associados) um único som. Com esta iniciativa eles revelaram a sua proximidade cultural em relação ao distante Egípto, embora a cidade estivesse geograficamente mais próxima do mundo mesopotâmico, mesmo do ponto de vista linguístico.



A invenção do alfabeto ugarítico revela uma grande economia na redacção dos signos, os quais passaram a ser cerca de trinta - compare-se com os dois mil signos do cuneiforme sumério, com os oitocentos signos acádios, os setecentos assírio-babilónios, os cerca de cem elamitas e os quarenta do persa antigo, este confinado praticamente ao uso na corte aqueménida.

O alfabeto linear fenício surgiu em finais do século XII a. C., composto por 22 letras, que se redigiam sobre papiro ou sobre um óstraco com um pincel embebido em tinta. Estes tipos de suporte condicionaram o desenho da letra e estiveram na origem da opção pelo traço dúctil linear ao invés do cuneiforme. Aparentemente foram imperativos comerciais e eventualmente as relações diplomáticas que determinaram a invenção do alfabeto fenício, a partir de influências regionais do Norte da Síria. Com a simplicidade dos novos signos, esta nova modalidade gráfica revelou-se mais eficaz que o anterior alfabeto ugarítico de tipo cuneiforme, que tinha signos simples para certas letras (t e g, por exemplo) e outros mais complexos (caso do b, r, d ou s). Na sequência das experiências alfabéticas proto-cananaicas surgiram modalidades praticadas pelos letrados de várias cidades-estado e pequenos reinos da Síria-Palestina, a partir do ugarítico (com signos cuneiformes) e sobretudo do fenício (com escrita linear). A partir do século VIII a. C. a colónia fenícia de Cartago, que se autonomizou e

✓ *Óstraco de calcário com um texto em escrita copta (Egipto, século VI).*

se veio a transformar numa potência marítima, usou a escrita púnica que se espalharia pelo Norte de África e possessões cartaginesas, incluindo a Península Ibérica, até ao momento em que Roma se impôs a Cartago. No Sul da Península Ibérica começou ainda a ser usada, a partir do século VII a. C., a chamada «escrita do Sudoeste», de inspiração fenícia e grega, que ainda não foi decifrada, tendo algumas das inscrições sido encontradas em território português (Alentejo e Algarve).

Entre as escritas herdeiras do cananaico sublinhe-se o hebraico, ou melhor, o hebraico antigo, que não deverá ser confundido com o posterior desenho gráfico do hebraico quadrado, e depois o samaritano, datando do século V a. C. os mais antigos documentos neste tipo de escrita, o qual se manteve, num círculo muito restrito, até hoje. Coevo do hebraico antigo é o moabita, do qual temos escassos vestígios, sendo de notar que o único documento conhecido da escrita moabita, usada no reino de Moab, a leste do rio Jordão, é de meados do século IX: a estela do rei Mechá.

A par do fenício e do cananaico, um outro sistema gráfico aparentado viria a ter uma grande projecção, o aramaico, o qual, como língua e como forma de escrita, acabou por substituir o acádio como língua franca em todo o Próximo Oriente e ganhou grande preponderância durante o I milénio a. C. A escrita aramaica foi usada desde o Egipto até à Pérsia Aqueménida, por decisão dos reis neo-assírios e persas. Do aramaico derivaram várias escritas que, no essencial, se assemelhavam no desenho das suas letras: o hebraico quadrado, o siríaco (com diversas modalidades), o moabita, o nabateu (de onde derivou a escrita árabe), etc.

O hebraico quadrado é uma variante gráfica mais elegante do aramaico, com 22 letras que, tal como outras escritas do ramo semita do Norte de tipo consonântico, se dispõem da direita para a esquerda.

Uma das soluções encontradas para facilitar a leitura vocálica foi a introdução de pontos diacríticos (sistema de Tiberíades). Saliente-se, no entanto, que o hebraico quadrado foi durante muito tempo ofuscado pelo uso muito mais difundido da escrita aramaica.

A escrita sogdiana, derivada do aramaico, e utilizada na zona oriental do planalto iraniano, tem os seus documentos mais antigos em 312-313 d. C. Outra escrita menos conhecida foi a maniqueia, usada no século III pelos membros da seita dos Maniqueus expulsos da Pérsia. No século I a. C. surgem a escrita nabateia (cujos principais vestígios vieram de Petra, a capital do reino nabateu) e a escrita palmirana (na Síria do Norte, hoje Tadmor), ambas derivadas dos signos aramaicos. Os signos nabateus diferem dos seus protótipos aramaicos não apenas no desenho das letras mas pelo uso generalizado de ligaduras que encadeiam as palavras.

Mais difundida foi a escrita siríaca, surgida a partir do século II d. C., usando as 22 letras do alfabeto aramaico mas com um desenho diferente, tendo servido para redigir os textos religiosos dos cristãos da Síria. Uma outra escrita derivada do aramaico foi o palevi, criada em finais do I milénio e que esteve em uso durante o domínio arsácida e sassânida no planalto iraniano e na Mesopotâmia.

Quanto à escrita árabe, uma das mais conhecidas e utilizadas nos tempos actuais, é uma adaptação do alfabeto nabateu, e surgiu a partir do século IV d. C. Possui 28 letras, mais seis que o clássico alfabeto aramaico, e algumas letras são unidas por ligaduras na escrita da direita para a esquerda. O desenho da maioria das letras varia consoante surjam como independentes, iniciais, mediais e finais. A escrita árabe continua hoje a ser usada para grafar outras línguas como o farsi, o pastum, o urdu, o malaio, o cazaque, o somali, o sudanês, etc., e até já serviu para escrever espanhol e português (aljamia).



ΤΗΝ ΑΘΑΝΑΤΟΝ ΤΟΝ
ΤΑΥΤΗ ΙΕΡΟΥ ΑΦΑΛΑ
ΛΕΤΟΜΕΝΟΥ ΘΕΟΥ
ΤΗΣ ΑΝΑΘΛΩΜΗΣ
ΕΥΦΡΑΤΟΥ ΑΝΘΩΚΕΝ
ΑΥΛΑΙΑΘΟΣ
ΣΑΒΔΙΒΑΝΟΥ ΤΟΥ
ΧΗΛΟΙΟΥ ΧΗΝ
ΥΠΕΡ ΤΗΣ
ΕΥΤΗΡΕΙΑΣ
ΑΥΤΟΥ
ΚΑΙ ΤΕΚΝΩΝ
ΚΑΙ ΤΟ ΠΑΤΕΡ
ΤΟ ΟΙΚΟΥ

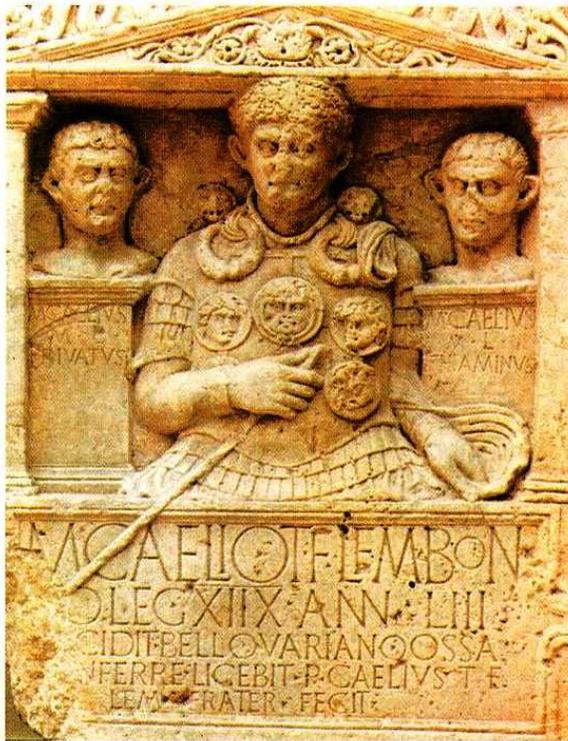
✓ *Relevo de Dura-Europos, nas margens do rio Eufrates, com inscrição grega.*

✎ *Lápide romana de um centurião da XXII legião Primigénia, século I.*

Data do século V a. C. o aparecimento da escrita sabaítica, a mais difundida do ramo gráfico da Arábia do Sul, aparentemente herdeira do fruste sistema proto-sinaítico, certamente tendo entre eles outros elementos de ligação que desconhecemos. Mais tarde, já no século II a. C., foi criada a escrita thamúdica, do ramo gráfico da Arábia do Norte, também ela descendente dos velhos signos da escrita do Sinai. O thamúdico e o sabaítico fazem parte do grupo conhecido como semita do Sul, derivando do segundo a escrita etíope que ainda hoje está em uso.

No século IX a. C. é criada a escrita grega, na altura com variantes regionais, que vai acrescentar as vogais ao inicial alfabeto fenício consonântico. Na verdade, os signos adaptados pelos letrados gregos para marcarem a vocalização foram inspirados em certas letras do alfabeto consonântico fení-

cio: é o caso do *alpha*, *epsilon*, *upsilon*, *iota* e *omicron*, derivados respectivamente do *aleph*, *he*, *waw*, *yod* e *'ayin*. Outra substancial diferença é que as letras gregas se dispunham no sentido de leitura da esquerda para a direita, ao contrário do fenício, se bem que inicialmente não fosse assim. De facto, as inscrições mais antigas mostram uma leitura da direita para a esquerda e também em *bustrofedon*, isto é, «como os bois lavram»: é que, terminada a linha que começava da



direita para a esquerda, seguia-se outra lendo-se da esquerda para a direita, e assim sucessivamente.

Mais tarde foram acrescentadas algumas letras, e o sistema ficou completo com 24 signos. Em finais do século V a. C. a cidade de Atenas promoveu a unificação dos vários sistemas existentes, que diferiam ligeiramente entre si, tendo optado pela variante oriental que usava como última letra do alfabeto o ómega, inexistente noutras variantes. Foi ainda no século V a. C. que definitivamente se estabeleceu a direcção da escrita da esquerda para a direita.

A partir do grego surge na Anatólia a escrita frígia e a escrita lícia, para redigir as línguas de origem indo-europeia dos Frígios e Lícios. Outros povos da zona seguiram o exemplo (Cários e Lídios). A partir do século VI a. C. passou a utilizar-se na ilha de Chipre a escrita

silábica cipriota, com cerca de 45 signos, derivada em parte do grego, mas ela ainda não foi totalmente decifrada.

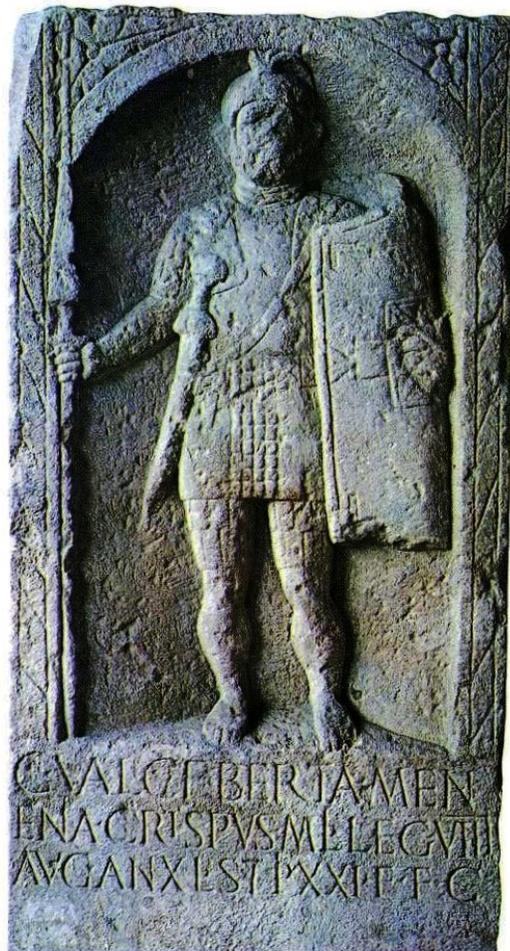
Outros sistemas de escrita se inspiraram na escrita grega, como é o caso do copta, o gótico, o cirílico e o glagolítico, usadas em espaços culturais muito diferentes e muito distanciados entre si.

Quanto ao copta, ela começou a usar-se no Egipto a partir do século II d. C. pelas comunidades cristãs, as quais se serviram do alfabeto grego,

acrescentado com mais sete signos tomados à escrita demótica para grafar certos sons que a língua grega não previa mas que existiam em egípcio. O alfabeto copta, com as suas 32 letras, continuou a ser usado mesmo depois da conquista árabe do Egito no século VII, e os seus últimos textos datam do século XIV, sendo hoje a língua litúrgica dos coptas, que são cerca de 10% dos habitantes do Egito.

O gótico foi criado por missionários gregos que procuravam converter os povos de origem goda instalados no século IV d. C. na região onde hoje fica a Bulgária. Usando como inspiração o alfabeto grego, mais seis letras do alfabeto latino e duas do alfabeto rúnico, o novo sistema gráfico, impulsionado pelo bispo Ulfilas, ficou com 25 letras, mas não teve grande difusão.

Mais aceitação teve o cirílico, criado no século IX pelo monge Cirilo, conhecido como o «apóstolo dos Eslavos». Depois de várias modificações, ficou com 33 letras e conheceu uma notável expansão, sendo actualmente usado na Rússia, Bielorrússia, Ucrânia, Bulgária e Sérvia, entre outros países. Também no século IX d. C. foi criada a escrita glagolítica, para redigir o



Lápide de um soldado da VIII legião Augusta, século I.

Exemplo de escrita hieroglífica cursiva egípcia.

antigo búlgaro, substituída depois pela escrita cirílica.

Acrescente-se que partir do século V foram redigidos os primeiros documentos em escrita arménia e em escrita georgiana, ambas oriundas da região do Cáucaso, com claras influências gráficas gregas e semitas, e no século IV surgiu a escrita céltica, cujos vestígios se apresentam sobretudo como inscrições tumulares.

No século VII a. C. aparecem as primeiras letras da escrita etrusca, com vinte e cinco signos, que mostram clara influência grega, nomeadamente do sistema alfabético usado na ilha de Eubeia, que chegou à Península Itálica no início da colonização grega. Um dos mais antigos documentos com as letras do alfabeto etrusco foi encontrado em Marsiliana d'Albegna, e data de meados do século VI a. C. Existem mais de dez mil inscrições redigidas em etrusco, a maior parte das quais achadas em túmulos. Escrevia-se da direita para a esquerda, embora alguns dos textos se apresentam na modalidade que se designa por *bustrofedon*. A escrita etrusca pode ser lida, porque se trata basicamente do alfabeto grego ligeiramente modificado, mas não é ainda possível compreender o seu significado.

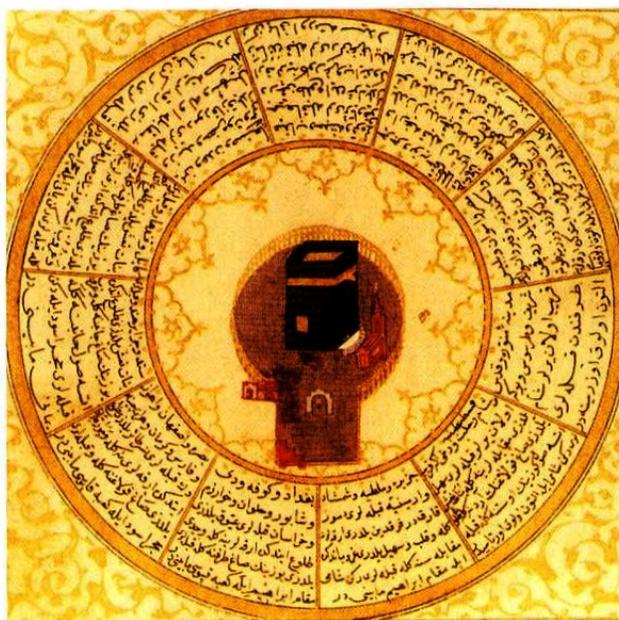


Manuscrito árabe do século XIII, com texto circular a envolver a Kaaba de Meca. ✓

Da escrita etrusca derivou a escrita latina, facto explicável pela proximidade geográfica e pelas influências político-culturais que a Etrúria deixou na fase emergente de Roma, acabando esta mais tarde por anexar e assimilar os Etruscos.

A mais antiga inscrição latina de tipo monumental até hoje descoberta data do século VI a. C., tendo sido recuperada em trabalhos de escavação levados a cabo em 1898 no centro de Roma. Trata-se da chamada Pedra Negra (*Lapis Niger*), que exhibe letras que se acumulam, de uma forma desajeitada, para uma leitura bustrofédica, e sem a elegância que mais tarde apresentarão as *capitales quadratae* da época imperial. Anterior a esse monumento é a inscrição latina de uma fibula, achada em Praeneste, numa única linha e com leitura da direita para a esquerda. O inicial alfabeto latino tinha 21 letras, das quais o Y e o Z foram adaptados do grego e não do etrusco. No essencial, o alfabeto usado pelos antigos Romanos é ainda o que hoje utilizamos.

A questão fundamental que agora importa avaliar, no final deste percurso que nos conduziu dos primórdios da escrita, com os primeiros signos pictográficos sumérios, em finais do IV milénio a. C., à escrita latina que ainda hoje usamos, é se esta terá tido como antepassado remoto o sistema cuneiforme sumero-acádio, depois desenvolvido no assírio-babilónio. Parece que não. Na verdade, o velho siste-



ma de escrita cuneiforme, gravado na argila, teve como seu remate o alfabeto cuneiforme ugarítico de tipo consonântico, mas este não teve continuidade, desaparecendo bruscamente no século XII a. C., quando surge o alfabeto fenício. Ora como este colheu inspiração, através dos signos do ramo semita do Norte, nos pictogramas do Sinai, que, por sua vez, derivam de alguns signos hieroglíficos egípcios, então seria de ver na escrita hieroglífica do Egito faraónico as muito remotas e nebulosas origens da escrita latina que usamos no nosso dia-a-dia.

Sublinhe-se no entanto que desse ramo semita do Norte nasceram diversas escritas usadas na Síria-Palestina e na península da Arábia, algumas das quais ainda hoje têm uso corrente, como o etíope (vindo do ramo semita do Sul), o hebraico e o árabe (vindos do ramo semita do Norte).

Assim, não deixa de ser curioso, e deveras interpellante, podermos concluir que a escrita árabe e a escrita hebraica, por um lado, e a escrita latina e escrita grega por outro, tão diferentes entre si do ponto de vista estético-gráfico e até no sentido da sua leitura, têm afinal a mesma origem - o sistema gráfico semita do Norte, basicamente um alfabeto consonântico, surgido há mais de três mil anos na Síria-Palestina.

- Béatrice ANDRÉ-SALVINI e outros, *L'ABCdaire des Écritures*, Bibliothèque Nationale de France, Paris: Editions Flammarion, 2000
- Luís Manuel de ARAÚJO (coord.), *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, Ed. Estar, 2000
- Luís Manuel de ARAÚJO e Nuno Simões RODRIGUES, *As Comunicações na Antiguidade*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2006
- Simone BRETON-GRAVEREAU e Danièle THIBAUT (dir.), *L'Aventure des Écritures: Matières et Formes*, Paris: Bibliothèque Nationale de France, 1998
- Louis-Jean CALVET, *Histoire de l'Écriture*, Col. Littératures - Pluriel, Paris: Editions Hachette, 1999
- Florian COULMAS, *The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems*, Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1999
- H. Peter DANIELS e William T. BRIGHT (ed.), *The World's Writing Systems*, Oxford: Oxford University Press, 1996
- David DIRINGER, *A Escrita*, Col. Historia Mundi, Lisboa: Editorial Verbo, 1985 (tradução do original inglês)
- Robert ESCARPIT, *L'Écrit et la Communication*, 2ª edição, Paris: Presses Universitaires de France, 1978
- James G. FÉVRIER, *Histoire de l'Écriture*, 2ª edição, Paris: Éditions Payot, 1984
- Ignace J. GELB, *A Study of Writing*, 2ª edição, Londres, Chicago: The University of Chicago Press, 1963
- Amílcar GUERRA, «A Escrita do Sudoeste», em *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, Ed. Estar, 2000, pp. 97-102
- Charles HIGOUNET, *L'Écriture*, 10ª edição, Col. Que sais-je?, Paris: Presses Universitaires de France, 1997 (tradução do original francês)
- J. T. HOOKER, *Reading the Past. Ancient writing from cuneiform to the alphabet*, Londres: British Museum Press, 1993
- Georges JEAN, *L'Écriture, Mémoire des Hommes*, Paris: Éditions Callimard, 1987
- Custódio MAGUEIJO, «Sistemas de escrita grega», em *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, Ed. Estar, 2000, pp. 77-86
- Henri-Jean MARTIN, *Histoire et Pouvoir de l'Écrit*, nova edição com a colaboração de Bruno Delmas, Col. L'Évolution de l'Humanité, Paris: Éditions Albin Michel, 1996
- Naissance de l'Écriture: Cuneiformes et Hiéroglyphes*, 4ª edição revista e corrigida, Ministère de la Culture, Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1982
- Gérard POMMIER, *Naissance et Renaissance de l'Écriture*, Paris: Presses Universitaires de France, 1993
- Marie-France PUTHOD e Pierrette GUIBOURDENCHE, *L'Écriture*, Mouans Sartoux: Publications de l'École Moderne Française, 1992
- José Augusto RAMOS, «A escrita ugarítica, fenícia e hebraica e seus antecedentes», em *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, Ed. Estar, 2000, pp. 51-58
- Monica RECTOR, «Das origens da escrita ao alfabeto», em *História da Humanidade. II: Do Terceiro Milénio ao Século VII a. C.*, UNESCO, Lisboa: Editorial Verbo, 1997, pp. 65-69
- José Cardim RIBEIRO, «Sons desenhados, letras sonantes: escrita e oralidade na época romana», em *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, Ed. Estar, 2000, pp. 87-96
- Andrew ROBINSON, *The Story of Writing. Alphabets, Hieroglyphs & Pictograms*, Londres: Thames and Hudson, 1995
- Harris ROY, *The Origin of Writing*, Londres: Duckworth, 1986
- Geoffrey SAMPSON, *Writing Systems*, Stanford: Stanford University Press, 1985
- Anne ZALI e Annie BERTHIER (dir.), *L'Aventure des Écritures: Naissances*, Paris: Bibliothèque Nationale de France, 1997